manchete

Diário Económico	Periodicidade: Diário	Temática: Sociedade
	Classe: Economia/Negócios	Dimensão: 1206
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/PB
26-07-2010	Tiragem: 21862	Página (s): 12/13

Modelo português de combate à droga é exemplo no Mundo

O sucesso da estratégia nacional de combate à droga é 'case studie' internacional. Argentina, México e República Checa já replicaram o modelo.

Catarina Duarte
catarina.duarte@economico.pt

Um grupo de peritos nomeado pelo governo norueguês esteve em Portugal para estudar o modelo de combate à toxicodependência, que é já considerado um caso de sucesso mundial.

Em Maio, os especialistas noruegueses reuniram com João Goulão, presidente do Instituto Português da Droga e Toxicodependência (IDT), e passaram uma semana no nosso país a visitar centros de recuperação, a acompanhar equipas de rua que prestam apoio aos toxicodependentes e trocaram informação com a Polícia Judiciária. O trabalho já deu frutos e a Noruega prepara-se para adoptar um programa de combate à droga, à semelhança do modelo que Portugal implementou em 2000, era António Guterres primeiro-ministro e José Sócrates o ministro-adjunto responsável pela pasta. "Estavam muito entusiasmados com o exemplo português e com os nossos resultados", contou João Goulão ao Diário Económico.

Portugal é já um exemplo mundial nesta matéria (ver entrevista). Argentina, México e República Checa são alguns dos países que replicaram o modelo português. O sucesso, que se mede pela diminuição geral do consumo de drogas ou pelo aumento do número de toxicodependentes em reabilitação nos últimos dez anos, deve-se à descriminalização da posse e consumo de substâncias ilícitas acompanhada de uma estratégia de tratamento, prevenção e reinserção social. "O Estado passou a perseguir a doença e não o doente", resume João Goulão.

O constitucionalista norte-americano Glenn Greenwald, no seu relatório "Descriminalização da droga em Portugal: lições para criar políticas justas e bem sucedidas sobre a a droga", conclui que desde 1 de Julho de 2001, altura em que a aquisição, posse e consumo de qualquer droga estão fora da moldura criminal e passaram a ser violações administrativas, o consumo de droga em Portugal fixou-se "entre os mais baixos da Europa, sobretudo quando comparado com estados com regimes de criminalização apertados". A explicação, segundo Greenwald, reside nas oportunidades de tratamento. "As pessoas deixaram de ter medo do sistema judicial e perderam o receio de procurar ajuda. Por outro lado, mesmo as que continuam a consumir são merecedoras da ajuda do Estado", diz o presidente do IDT. Em 2009, 45 mil pessoas integravam uma das fases de tratamento, incluindo pessoas com problemas de alcoolismo, um número "recorde", segundo João Goulão. E destas 45 mil pessoas, 40% trabalham ou estudam, acrescenta o presidente do IDT.

Dados de 2006 mostram que a prevalência do consumo de drogas desceu de 14,1% para 10,6% face a 2001 nas idades entre os 13 e os 15 anos, e de 27,6% para 21,6% na faixa etária entre os 16 e os 18 anos, contrariando assim as previsões de alguns críticos do modelo, como aliás recorda Greenwald. O constitucionalista americano referia-se, entre outros, ao líder do CDS-PP, Paulo Portas, que pouco antes da lei entrar em vigor vaticinava que Portugal seria um destino turístico de "sol, praia e droga à escolha".

Ao contrário de Portugal, o modelo holandês, que permite comprar e consumir drogas leves em alguns estabelecimentos comerciais, parece ter atraído algum turismo relacionado com as drogas, nomeadamente haxixe, daí que a Holanda esteja a reequacionar a sua política, diz João Goulão. ■

ESTRATÉGIA

- **Tratamento:** é um dos pilares fundamentais da acção estratégica do IDT. Visa garantir acesso em tempo útil a respostas terapêuticas integradas;
- **Interacção preventiva:** prevenir o início do consumo, a continuação do uso e a passagem do uso à dependência.
- **Redução de riscos e mobilização de danos:** medidas que visam limitar ou prevenir os malefícios ligados ao consumo de droga, mais do que ao consumo em si mesmo.
- **Reinserção social de toxicodependentes:** conjunto de programas e agentes que em articulação com o IDT promovem a reintegração no mercado de trabalho, etc.

Lei de Sócrates troca prisão por tratamento

Foi José Sócrates quem, em 1998, altura em que ocupava o cargo de ministro adjunto do primeiro-ministro António Guterres, lançou uma política integrada para a toxicodependência, que apostava na redução de riscos, nomeadamente através da vulgarização da substituição por metadona e do alargamento da troca de seringas. A estratégia de combate à droga é lançada em 1999 e em 2000 é aprovada a lei que descriminaliza a posse e o consumo de qualquer droga: consumir droga continua a ser proibido mas fica fora da moldura criminal e passa a ser uma violação administrativa. Em vez de ir parar à prisão o indivíduo que for apanhado a consumir é encaminhado para o tratamento.

CUSTO DO ESTADO

70 milhões

O IDT gasta anualmente 70 milhões de euros na estratégia de combate à droga.

CONSUMO 13 AOS 15 ANOS

10,6%

O consumo de drogas em Portugal desceu de 14,1% para 10,6% entre 2001 e 2006.

CONSUMO 16 AOS 18 ANOS

21,6%

Na faixa etária dos 16 aos 18 anos, o consumo desceu de 27,6% para 21,6% entre 2001 e 2006.

CANABIS

8,2%

O consumo de canabis ao longo da vida desceu de 9,2% para 8,2% entre 2002 e 2006.

HEROÍNA

24%

A heroína registou uma diminuição a nível da população total de 26% para 24% entre 2001 e 2007.

Etv
Acompanhe a actualidade no canal 200 da ZON

TRÊS PERGUNTAS A...

JOÃO GOULÃO

Presidente do Instituto Português da Droga e Toxicodependência

"O Estado passou a perseguir a doença e não o doente"

manchete

Diário Económico	Periodicidade: Diário	Temática: Sociedade
	Classe: Economia/Negócios	Dimensão: 1206
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/PB
26-07-2010	Tiragem: 21862	Página (s): 12/13

Robin van Lonkhuijsen/Reuters

A POLÍTICA DE DESPENALIZAÇÃO DAS DROGAS

Na Holanda continua a ser crime consumir qualquer droga, mas desde há quinze anos que o sistema utiliza um mecanismo da lei que determina que o crime não seja perseguido. O objectivo foi, na época, separar as drogas leves das duras. Uma estratégia que não se tem verificado eficaz no combate ao consumo. Para isso contribuiu algum turismo de consumo, nomeadamente de haxixe. Agora, as autoridades holandesas estão a reavaliar a política. Em cima da mesa estão propostas como, por exemplo, alargar a legalização das drogas à cocaína, ao ecstasy e até à heroína. A ideia, apoiada por alguns políticos, juristas, professores universitários e especialistas em estupefacientes, ajudaria a aliviar o défice orçamental, uma vez que um comércio controlado da droga traria milhões aos cofres do Estado, ao mesmo tempo que acabaria como crime organizado.

João Goulão esteve no grupo de trabalho chamado a pensar uma estratégia para combater a toxicodependência em 1999. Portugal é hoje um caso de sucesso que o também presidente do Observatório Europeu da Droga dá a conhecer aos outros países.

Portugal tem sido apontado como um caso de sucesso na estratégia de combate à droga. Como é que se mede esse sucesso?
Na minha opinião deve-se à estratégia integrada de tratamento e prevenção e não tanto à descriminalização. Há vários indicadores disponíveis que apontam para o sucesso:

> As pessoas que continuam a consumir são merecedoras da ajuda do Estado

diminuição dos consumos e dos consumos recentes, diminuição em meio escolar, o facto dos toxicodependentes já não serem o principal contingente de transmissão do vírus da Sida e o número recorde de pessoas em tratamento, cerca de 45 mil. Mesmo ao nível da violência, esta já não é directamente associada à toxicodependência. No Eurobarometro de 1997, a toxicodependência era a primeira preocupação dos portugueses. Hoje é a 13ª preocupação.

Esses indicadores têm despertado a atenção de outros países?
Desde que foi apresentado o relatório do Dr. Greenwald nos EUA que tem sido uma correria. Todos os dias temos solicitações de meios de comunicação internacionais e outros organismos. Posso dizer-lhe que já recebi metade do corpo diplomático acreditado em Portugal para falar da nossa estratégia. Todo o mundo tem os olhos postos no modelo português.

O que é que mudou com a lei da descriminalização?
O Estado passou a perseguir a doença e não o doente e mesmo as pessoas que continuam a consumir são merecedoras da ajuda do Estado. As próprias autoridades canalizam agora recursos para as redes de tráfico. ■